

A FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS DE LÍNGUA FALADA VARCEN/RS

Tatiana Keller

Resumo

De acordo com a Teoria Sociolingüística, não há língua que não sofra alterações seja por pressão do próprio sistema linguístico, seja por influência do meio social em que os falantes estão inseridos. Para que uma língua seja analisada neste escopo teórico é necessário que dados de fala sejam coletados levando em consideração a localização geográfica, o sexo, a idade e a escolaridade dos falantes e também o tipo de fala, se mais formal ou menos formal. Neste trabalho, descrevemos os procedimentos metodológicos envolvidos na formação de um banco de dados de língua falada por informantes da região central do Rio Grande do Sul, levando-se em conta esses aspectos. Apresentamos também uma discussão acerca do grupo de fatores *tempo de escolaridade* que teve de ser reformulado em virtude de peculiaridades da região.

Palavras-chave: Língua falada. Teoria da Variação. Região central do Rio Grande do Sul.

Abstract

After Sociolinguistic Theory, there is no language that does not undergo any type of change due to the influence of linguistic system or to the influence of speakers social environment. Therefore, in order to analyze any language is necessary collecting data taking into account speakers' geographic location, gender, age and level of education, as well the speech formality. In this paper, we describe methodological procedures involved in the setting of a spoken language database composed by informants from Rio Grande do Sul central area taking into account these aspects. We also present a discussion about the factor group *scholarity* that had to be reformulated due to peculiarities of the region.

Keywords: Spoken language. Variation Theory. Rio Grande do Sul central área.

Introdução

Observa-se com facilidade em qualquer língua ou dialeto que os falantes fazem alguns tipos de escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas, por exemplo: (i) a ocorrência variável de epêntese vocálica em encontros consonantais, tais como *gn* (magnético ~ mag[i]nético), *ps* (opção ~ op[i]ção), *cn* (técnica ~ té[ki]nica) (COLLISCHONN, 2000, 2002; **Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), 2014**

AUTOR, 1999); (ii) a realização variável da vibrante em final de palavra (comer ~ comêØ; falar ~ faláØ) (MONARETTO, 2000); (iii) uso variável dos pronomes *tu* e *você* (DIAS, 2007). Essas possibilidades de escolha podem coexistir de forma estável em uma língua por um longo período de tempo ou uma delas ser preferida pelos falantes e fazer com que as demais formas (menos preferidas) desapareçam. Essa variabilidade intrínseca às línguas, como aponta Brescancini (2002, p.14), “conduz à busca por uma explicação para o fato de o falante, ou grupo de falantes, efetuar uma determinada *escolha* e não outra” (grifo da autora). Uma explicação plausível para essa questão começou a ser desenvolvida no final dos 60, principalmente, por William Labov. As pesquisas desse estudioso deram origem à Teoria da Variação e Mudança, segundo a qual a variação na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos (CAMACHO, 2001). Essa teoria procura descrever a variação e a mudança linguística levando em consideração o uso da língua em uma comunidade de fala e lançando mão de análise quantitativa dos dados levantados. Tais dados correspondem à fala espontânea dos indivíduos, isto é, à forma vernacular, estilo em que a fala é menos monitorada possível.

A sistematização da linguagem em uso, de acordo com Tarallo (1997, p. 10-11), consiste primordialmente nos seguintes procedimentos:

- 1) levantamento exaustivo de dados de língua falada;
- 2) descrição detalhada do fenômeno linguístico variável;
- 3) análise dos possíveis condicionadores (linguísticos e não-linguísticos) que favorecem o uso de uma forma sobre outra(s);
- 4) encaixamento do fenômeno linguístico no sistema linguístico e social de uma comunidade;
- 5) projeção histórica do fenômeno linguístico da comunidade.

Uma vez feita a análise segundo esse modelo, o aparente “caos” desaparece e a língua falada surge como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais que poderão ser *categóricas* (são sempre aplicadas) ou *variáveis* (aplicação condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos).

Com relação a formas variáveis, como a realização ou não realização do morfema de plural em frases como “as casas amarelas” vs “as casaØ amarelaØ”, é possível observar a atuação de dois tipos de condicionamentos: linguísticos e extralinguísticos. Os linguísticos

dizem respeito à própria estrutura da língua. Nesse exemplo, poderíamos citar características como: (i) presença/ ausência de determinante; (ii) presença/ ausência de adjunto adnominal; (iii) extensão dos vocábulos, entre outros. Os fatores extralinguísticos referem-se a aspectos sociais, como sexo, idade, escolaridade, classe social etc.

Estudos no âmbito da Teoria da Variação permitem observar quais fatores linguísticos e sociais podem afetar a fala de uma determinada comunidade. Assim, é possível evidenciar também como certas formas são consideradas socialmente *prestigiadas* ou *estigmatizadas*. Sob essa ótica, não existem formas corretas e incorretas, mas sim, padrões socialmente mais aceitos e menos aceitos. Segundo Mollica (2010, p. 12), “os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro”.

Para que se realize estudos desse tipo é necessário o registro da fala de informantes de ambos os sexos pertencentes a regiões geográficas e faixas etárias diferentes, bem como com nível de escolaridade diverso. Esse registro é feito seguindo a metodologia de Labov (1966), que será explicitada mais adiante, e, geralmente, é armazenado em um banco de dados.

No que diz respeito ao português falado no sul do Brasil, nos anos 90, foi criado o banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) (BISOL, 2005). No âmbito desse projeto, no Rio Grande do Sul, foram coletados dados das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Nos anos 2000, surgiram dois novos bancos: o VARX (AMARAL, 2003) com informantes da região sul do estado e o BDSer (BATTISTI, 2003) com informantes da serra gaúcha. Não existem, contudo, registros da fala de indivíduos que residem na região central do estado. Por isso, o projeto *Variação Linguística no Português Falado na Região Central do Rio Grande do Sul* (doravante, VARCEN/RS) busca suprir essa lacuna e fornecer subsídios para a análise das características do português falado nessa parte do estado. Na primeira fase do projeto, os informantes entrevistados são moradores da cidade de Santa Maria; posteriormente, a amostra será estendida para falantes bilíngues (alemão/ italiano) da região.

A cidade de Santa Maria

O município de Santa Maria, cujo território de 1.788,121 km² é composto por dez distritos (Santa Maria, Arroio do Sol, Arroio Grande, Boca do Monte, Pains, Palma, Passo do Verde, Santa Flora, Santo Antão e São Valentim), localiza-se na porção central do estado do

Rio Grande do Sul entre a Serra Geral e a planície que forma a Depressão Central (VIERO, s/d). Segundo dados do IBGE (2013), a cidade possui aproximadamente 273.489 habitantes¹ e é a quinta mais populosa do estado, sendo superada apenas por Porto Alegre (1.467.823 habitantes), Caxias do Sul (465.304 habitantes), Pelotas (341.180 habitantes) e Canoas (338.531 habitantes).

A colonização do município ocorreu de modo mais significativo a partir do século XVIII. Antes disso, os habitantes eram predominantemente os índios guaranis. Em decorrência do Tratado de Madrid, índios missioneiros e militares migraram para a região central do estado. Posteriormente, por meio da política de sesmarias, casais açorianos foram enviados para povoar essa região (BELTRÃO, 2013).

Na primeira metade do século XIX, o município de Santa Maria começou a receber imigrantes alemães; os imigrantes italianos chegaram por volta de meio século depois. A vinda dos imigrantes impulsionou o desenvolvimento da agricultura, do artesanato e do comércio santa-mariense. Além disso, houve um desenvolvimento do ramo militar no município, uma vez que esse século foi permeado por diversas guerras das quais o exército de Santa Maria participou. Desde essa época, a cidade é reconhecida como um ponto estratégico para o exército brasileiro, o que é evidenciado pelo grande número de militares e atividades desse setor (BELTRÃO, 2013). A cidade abriga atualmente a segunda maior guarnição do Brasil.

No ano de 1889, iniciou-se a construção da ferrovia, que ligaria Santa Maria a Cachoeira do Sul, Porto Alegre e Itararé (São Paulo), daí a origem da denominação do bairro Itararé (BELTRÃO, 2013). A estrada de ferro contribuiu com o transporte de pessoas e de mercadorias, impulsionando atividades comerciais. Para dar assistência aos comerciantes foram inaugurados vários hotéis próximos à ferrovia. Desse modo, a cidade expandiu-se e, em 1907, foi inaugurada a Vila Belga, que estimulou a povoação da cidade.

Em alguns registros históricos sobre a cidade, figuram nomes de famílias tradicionais, dentre as quais, destaca-se a de José Mariano da Rocha Filho, médico e fundador da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que teve a vida relacionada a atividades acadêmicas e ao desenvolvimento da universidade. Pela luta e conquistas que obteve para a UFSM, foi eleito como o gaúcho do século XX². Hoje, a UFSM conta com 27.443 estudantes

¹ Estimativa divulgada em 1º de julho de 2013.

² RBS TV e Jornal Zero Hora.

nos níveis de ensino básico, médio, pós-médio, graduação e pós-graduação distribuídos em cinco *campi* e Ensino a Distância (EAD).

Santa Maria é considerada uma “cidade universitária”, uma vez que tem, além da UFSM, aproximadamente dez instituições de ensino superior dentre as quais podemos citar FISMA, UNIFRA, FAMES, FAPAS e FADISMA. Dessa forma, o município atrai inúmeros estudantes, oriundos não só do Brasil, mas também de países vizinhos como Paraguai, Uruguai e Argentina.

Procedimentos metodológicos

A coleta de dados para a formação do VARCEN/RS segue a metodologia variacionista de Labov (1966) e adota a estratificação dos indivíduos conforme o padrão do banco de dados do projeto VARSUL, a qual será descrita a seguir.

Perfil social dos informantes

Para fazer parte da amostra, os indivíduos devem preencher os seguintes pré-requisitos:

- a) falar apenas português (exigência para os entrevistados de Santa Maria, mas não para os bilíngues);
- b) ter morado a maior parte de sua vida na localidade (cerca de 2/3 da vida);
- c) não causar estranheza a outros moradores da região em virtude do seu modo de falar.

Além disso, devem satisfazer às características sociais descritas no Quadro 1.

Quadro 1: características sociais dos informantes

<i>Idade</i>	menos de 50 anos	mais de 50 anos	
<i>Sexo</i>	feminino	masculino	
<i>Tempo de escolarização</i>	4 a 5 anos	8 a 9 anos	10 a 11 anos
<i>Localização geográfica/ Etnia</i>	Santa Maria (monolíngues)	cidade de colonização alemã (bilíngues português/ alemão)	cidade de colonização italiana (bilíngues português/ italiano)

No que diz respeito à *idade*, muitos estudos têm mostrado que os falantes mais jovens são responsáveis por usos mais inovadores e os mais velhos por usos mais conservadores. O trabalho de Ramos (2002), um estudo sobre a alternância entre *não* e *num* no português de Belo Horizonte, apresentou resultados favoráveis à variante *num*, nessa situação, a variante inovadora, por parte dos mais jovens; os mais velhos, por sua vez, registraram frequência de uso muito baixa.

Com relação à variável *sexo*, Chambers (1995) e Labov (2001), em linhas gerais, dizem que as mulheres utilizam mais as variantes de prestígio do que os homens (a fim de alcançar *status* social), tendem a ser mais conservadoras e inovar menos do que eles. Em Autor (1999) observa-se que as mulheres das cidades de Panambi e Blumenau realizam mais epêntese vocálica do que os homens. Esse fato aponta a tendência de os informantes do sexo feminino realizarem mais a forma inovadora do que os do sexo masculino.

Estudos variacionistas têm mostrado que fenômenos linguísticos podem ter influência do *tempo de escolarização*. A análise da concordância nominal na cidade de Irati (SC) de Gaspar e Loregian-Penkall (2009), por exemplo, mostra que os informantes mais escolarizados realizam mais concordância nominal do que os menos escolarizados. Esse grupo de fatores será discutido com mais vagar a seguir.

O contato com outras línguas pode apresentar reflexos no uso da língua portuguesa. Por isso, em regiões de imigração é interessante observar o comportamento de falantes bilíngues. Essa possível influência é analisada através do grupo de fatores *etnia*. Autor (1999) ao analisar a ocorrência variável de epêntese vocálica em dados das cidades de Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Panambi e Blumenau verificou porcentagem de aplicação entre 50% e 70% para as capitais e de 23% para as demais cidades. Essa taxa de ocorrência bem mais baixa para Panambi e Blumenau pode ser atribuída à *etnia*, uma vez que todos os informantes dessas localidades são bilíngues português/alemão. Encontros consonantais que não são permitidos em português podem ser reparados por epêntese vocálica; esses encontros, ao contrário, são bem-formados em alemão e não precisam ser separados por inserção vocálica. Isso poderia explicar a diferença na aplicação de epêntese.

Conforme o método laboviano, a amostra deve ser estratificada, de modo a que se tenham dados comparáveis entre si; e aleatória, para garantir que os informantes sejam representantes da realidade linguística da população escolhida. Dessa forma, divide-se a população em células compostas por indivíduos com as mesmas características sociais.

Assim, a amostra que compõe o VARCEN/RS está estratificada nas seguintes células, que perfazem um total de 24 informantes para cada localidade:

- a) 2 homens e 2 mulheres com mais de 50 anos e 4 a 5 anos de escolaridade;
- b) 2 homens e 2 mulheres com menos de 50 anos e 4 a 5 anos de escolaridade;
- c) 2 homens e 2 mulheres com mais de 50 anos e 8 a 9 anos de escolaridade;
- d) 2 homens e 2 mulheres com menos de 50 anos e 8 a 9 anos de escolaridade;
- e) 2 homens e 2 mulheres com mais de 50 anos e 10 a 11 anos de escolaridade;
- f) 2 homens e 2 mulheres com menos de 50 anos e 10 a 11 anos de escolaridade.

Escolaridade

No caso do projeto VARCEN/RS, foi necessário fazer uma alteração nos parâmetros para seleção de informantes com relação ao *tempo de escolarização*, pois várias cidades, dentre elas, Santa Maria, em função, sobretudo, de programas educacionais do governo federal que incentivam a educação básica e o ingresso dos estudantes no ensino superior, apresenta número reduzido de indivíduos com menos de 4 anos de escolarização.

Graças a programas de incentivo à educação básica, tais como Bolsa Escola e Bolsa Família, iniciados em meados dos anos 90, o tempo de permanência na escola aumentou e também o nível de escolaridade. Por isso, o número de pessoas mais jovens com menos de 5 anos de escolarização diminuiu de forma bastante significativa nos últimos 20 anos.

Os cursos de graduação contam com o subsídio de programas federais de incentivo e financiamento à educação superior como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). O ProUni foi criado em 2004, pela Lei nº 11.096/2005, e subsidia bolsas integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior; o FIES, por sua vez, é um programa do Ministério da Educação que financia estudantes de cursos de graduação.

A cidade apresenta grande número de instituições de ensino superior (ver Quadro 2) fato que contribui, não só com um maior nível de escolarização da população, mas também com a circulação de habitantes (população flutuante). No Quadro 2, registramos as principais instituições de ensino superior do município, bem como o número de vagas ofertado por elas.

Quadro 2: Número de cursos ofertados pelas principais instituições de ensino superior de Santa Maria

<i>INSTITUIÇÃO</i>	<i>NÚMERO DE CURSOS</i>
UFSM	Graduação: 127 Pós-graduação: 125
UNIFRA	Graduação: 33 Pós-graduação: 25
FAMES	Graduação: 8 Pós-graduação: 22
FISMA	Graduação: 3 Pós-graduação: 2
FAPAS	Graduação: 4 Pós-graduação: 4
FADISMA	Graduação: 2 Pós-graduação: 12

Durante a seleção de informantes, houve dificuldade para encontrar pessoas entre 30 e 60 anos de idade sem o ensino médio completo. Verificou-se um número significativo de informantes, nessa mesma faixa etária, com ensino superior. Portanto, o projeto VARCEN será composto por informantes de todas as faixas etárias com mais escolaridade. Em virtude disso, o tempo de escolarização *4 a 5 anos* foi retirado da coleta e foi acrescentado o tempo de escolarização *mais de 12 anos*. As células sociais ficaram assim distribuídas:

- 2 homens e 2 mulheres com mais de 50 anos e 8 a 9 anos de escolaridade;
- 2 homens e 2 mulheres com menos de 50 anos e 8 a 9 anos de escolaridade;
- 2 homens e 2 mulheres com mais de 50 anos e 10 a 11 anos de escolaridade;
- 2 homens e 2 mulheres com menos de 50 anos e 10 a 11 anos de escolaridade;
- 2 homens e 2 mulheres com mais de 50 anos com mais de 12 anos de escolaridade;
- 2 homens e 2 mulheres com menos de 50 anos com mais de 12 anos de escolaridade.

Coleta de dados

A coleta de dados compõe-se das seguintes etapas:

a) seleção dos informantes

No Quadro 3, retomamos os critérios sociais já apresentados no Quadro 1 com a reformulação do grupo *tempo de escolarização*.

Quadro 3: características sociais dos informantes (reformuladas)

<i>Idade</i>	menos de 50 anos	mais de 50 anos	
<i>Sexo</i>	feminino	masculino	
<i>Tempo de escolarização</i>	8 a 9 anos	10 a 11 anos	mais de 12 anos
<i>Localização geográfica/ Etnia</i>	Santa Maria (monolíngues)	cidade de colonização alemã (bilíngues português/ alemão)	cidade de colonização italiana (bilíngues português/ italiano)

Os informantes são selecionados com base nesses critérios de modo aleatório.

b) pré-entrevista

A pré-entrevista consiste em uma gravação com duração de 5 a 15 minutos, que será usada para registrar e confirmar informações sociais relevantes sobre o informante e para planejar a entrevista. Nessa etapa, preenche-se uma ficha social com dados pessoais do informante (sexo, idade, escolaridade, cidade e bairro onde reside, tempo de permanência na cidade, estado civil etc) e com temas de interesse do indivíduo (lazer, religião, esportes, leitura etc).

c) entrevista

A entrevista consiste em uma gravação de aproximadamente 1 hora, que contém uma conversa em estilo não-controlado sobre a vida do habitante da cidade.

O objetivo das entrevistas é gravar e estudar a forma vernacular da língua, ou seja, a língua que os falantes utilizam no dia a dia sem se preocupar com o modo como a enunciam. Para a realização da entrevista, adota-se a os procedimentos metodológicos de Labov resumidos em Tarallo (1997). Labov propõe que ela seja constituída por narrativas de experiência pessoal, pois, assim, o entrevistado irá falar naturalmente, sentindo-se mais à vontade, o que pode minimizar o constrangimento diante do entrevistador e do gravador.

Labov ainda acrescenta a importância de haver um tema comum em todas as entrevistas, para isso, sugere que esse tema seja *perigo de morte*, pois, na visão do autor, todas as pessoas já passaram por uma situação como essa ou conhecem alguém que tenha passado por ela.

A fim de haver uma uniformidade entre as entrevistas, há um roteiro, previamente elaborado, que se divide em duas partes: a primeira caracterizada como *núcleo comum*, que abrange questionamentos referentes à cidade, onde o informante reside (mudanças sofridas ao longo do tempo pela cidade, aos problemas da cidade, às perspectivas para o futuro) ao informante (período escolar, relação com a família e uma situação de perigo de morte vivenciada ou não pelo informante). A segunda parte é orientada pela ficha social de cada informante, apresentando um caráter mais flexível em relação ao núcleo comum.

d) audição e transcrição ortográfica das entrevistas

Nesta etapa, as entrevistas são ouvidas e transcritas ortográfica e foneticamente. Esse material será posteriormente arquivado em forma de cadernos de transcrição para cada um dos informantes.

Considerações finais

É inegável que uma língua não permanece sempre igual ao longo do tempo e nos diversos locais onde é falada. Assim, a Teoria Sociolinguística busca sistematizar os fatores internos e externos envolvidos na variação e mudança linguísticas. Para que isso possa ser feito, é necessário que os dados coletados contendam a forma vernacular característica de uma dada comunidade de fala e que se leve em consideração fatores sociais, tais como idade, sexo, escolaridade, entre outros. Dessa forma, este trabalho apresentou e discutiu aspectos metodológicos pertinentes à formação de um banco de dados que visa subsidiar análises em diversas áreas do conhecimento.

Tomamos como base para a estratificação dos informantes, a divisão adotada pelo banco de dados VARSUL. No entanto, devido a especificidades da comunidade de fala da região central do Rio Grande do Sul, cujo polo é a cidade de Santa Maria, foi necessário reformular o grupo de fatores *tempo de escolaridade*, uma vez que, como foi mostrado, é difícil encontrar informantes com menos escolarização na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. 2003. Tese (Doutorado em Letras). UFRGS, Porto Alegre, 2003.
- BATTISTI, E. BDSer: um banco de dados de fala da Serra Gaúcha. *Anais do 5º Encontro do CELSUL*, Curitiba, 2003, p.489-498.
- BELTRÃO, R. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930*. 3a. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- BISOL, L. Varsul: amostra, coleta e transcrição. In: ZILLES, A. M. (org) *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- BRESCANCINI, C. R. A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.
- _____. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela Teoria da Otimalidade. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 285-318, 2000.
- DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. vii, 104 f. Dissertação (mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- GASPAR, M. D. de S.; LOREGIAN-PENKAL, L. A linguagem falada em Irati: análise variável da escolaridade. *Anais da SIEPE – Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão*, [s.l.], 2009.
- IBGE <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em 15 de setembro de 2013.
- AUTOR. O fenômeno da epêntese no português falado em Panambi e Blumenau. *Cadernos do IL*, 1999.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In _____. BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

RAMOS, J. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística. In: COHEN, M. A. A. de M.; RAMOS, J. (Org.). *Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras, UFMG, 2002.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

VIERO, L. *Atlas Municipal Escolar Geográfico de Santa Maria*. Santa Maria: Diário de Santa Maria, s/d.